

# BREVILLE DA GAZETA DE NOTÍCIAS

**CORTE**  
 ANNO. 16 \$ 000  
 SEMESTRE 9 \$ 000  
 TRIMESTRE 5 \$ 000

**PUBLICADA POR ANGELO AGOSTINI.**  
 A correspondencia e reclamações devem ser dirigidas  
 À RUA DE GONÇALVES DIAS, N.º 50, SOBRADO

**PROVÍNCIAS**  
 ANNO. 20 \$ 000  
 SEMESTRE 11 \$ 000  
 AVULSO 1 \$ 000



— Com que então a collega entrou nos seus quatorze, hein?... Vinha de lá esse aperto de mão e... dispense as chapas do estyo.



Rio, 4 de Agosto de 1888.  
ESCRITÓRIO E REFAÇÃO,  
RUA DE GONÇALVES DIAS, 50, SOBRADO

## O QUE SE VÊ

Todo o mez de Julho foi uma verdadeira saudação, feita pelos algarismos, á aurea lei de 13 de Maio!

O cambio subiu ao par, cousa que se não dava ha uns quinze annos ou mais.

A alfandega do Rio de Janeiro, que per si só, entra com um terço do orçamento geral, rendeu quatro mil e tantos contos, isto é, mais mil e duzentos e quarenta contos do que em igual periodo do anno passado.

As remessas de café ascenderam a um algarismo colossal. Em Julho, do anno anterior, foram de 105,040 saccas; este anno de 352,130 saccas ou mais : 247,090.

A bolsa, pelo seu lado, apresenta um movimento de transacções tão grande, que há quem desconfie que algumas d'ellas são ficticias, por não poderem crer que se dupliquem ou tripliquem, assim, sem mais nem menos, essas operações commerciaes.

Os embarques de café, no mesmo mez, comparados com os de Julho do anno passado, são VINTE vezes maiores.

E, para coroar o quadro, diversas empresas são negociadas na Europa, e adquiridas por grandes capitalistas, dando o seguinte resultado: ficarmos com as empresas e o dinheiro.

Ora, havemos de concordar, que todos esses factores, reunidos, não se prestam muito á demonstração que a lei de 13 de Maio não foi aurea, como afirmou o Sr. Bulhões Carvalho, querendo fazer um trocadilho!

Em 1871, quando se tratou da lei Rio Branco, afirmou-se em todos os tons, que a libertação dos escravos era a ruina da nação e a desgraça geral.

Chegou-se, mesmo, a dizer:  
— Com a abolição, os ricos ficarão pobres, os pobres morrerão de fome!

Afinal, realisa-se a abolição plena, completa, de artigo unico e o que se vê?

O paiz calmo, trabalhando com affinco, e alegre, como não se vira ainda. As rendas publicas apresentando saldos, o povo satisfeito, o bem geral espalhando-se como uma benção e todas as nações estrangeiras glorificando o Brazil.

Não ha um exemplo igual em toda a historia das reformas sociaes, mesmo nos paizes que servem de modelo ao progresso humano!

Abolido um regimen, enraizado em trez seculos de despotismo, o contrario do que se vê é que seria natural: cambio pela hora da morte, café... nikles, rendas publicas atacadas de phisica galopante, um bocadinho de guerra civil, para variar... O diabo a quatro...

Ora, apesar das especulações dos politicos, e das perturbações que elles procuram incitar, os algarismos inflexiveis ahi estão, para confortarem o patriotismo.

Resta aos negreiros um ultimo expediente: dizerem que esses algarismos são falsos.

E teem topete para isso!

*Julio Verim*

## ESPECIE DE CHRONICA

Bastante arida, a semana finda!

Mesmo percorrendo a rua do Ouvidor, difficilmente se encontraria um assumpto, d'esses que animam, que alegram, que dão vontade de escrever um folhetim ou um artigo.

Os toilettes cruzam-se, as vitrines expõem as suas novidades, a multidão flana, as senhoras extraviam beijos, os homens palestram ou dão-se ares de Tantalos, os vendedores de jornaes apregoam noticias imaginarias, e a rua do Ouvidor enche e vasa a certas horas, com a monotonia das marés regulares, com que ninguem se importa.

Se atravessamos o largo de S. Francisco, o quadro é o mesmo de todos os dias: um jardim que pede uma redoma, uns bonds que sempre se fazem esperar, e mais nada.

— Isto, está que é um deserto.  
— Na verdade.  
— Nenhuma caravana do sexo gentil...  
— Em compensação, alguns dromedarios.  
— Se se trata de deserto...  
— Adiante.

Estamos em plena rua do Ouvidor.

O café de Java obriga a uma estação de cinco minutos. Defronte, na charutaria do canto, uns tantos politicos aposentados, acham sempre que o ministerio de 20 de Agosto não tem igual e vivem na doce crença de que o Sr. de Cotegipe ainda é o presidente do conselho.

Em seguida, a *Notre Dame* exhibe todas essas tentações, a preços reduzidos, da sua liquidação annual. Não se resiste. Tanta cousa bonita e em conta.

— Não ha remedio. Arruinemo-nos...

Alguns passos mais e nota-se certa animação nos arredores da casa de M.<sup>me</sup> Rosenwald, a rainha das flores... artificiales.

Começa a animação. Discute-se uma questão de grinaldas, e muitos lameutam, não terem assistido ao facto.

Um dos assistentes exclama:

— Perdi a melhor occasião da minha vida de dar um bom assobio!

— E eu!

— E eu!

Bom, consolem-se. Elle foi dado, embora sem procuração.

\* \*

Depois de um rapido olhar ás bellas-artes, representadas pela casa *Glace elegante*, eis-nos no canto da rua da Uruguiana.

Grupos, aqui e acolá.

A conversa é, toda, descriptiva, acompanhada de gestos rápidos. Ora, é o indicador que mostra um lugar da calçada, ora o braço que finge apontar um revolver, ora a mão, que comprime o peito, a cabeça que pende, o corpo que tomba fulminado.

Não ha que vêr. Trata-se do drama de sangue do dia 27.

— Viu as balas? pergunta um.

— Ora, se vi. Que balazios!

— E logo trez...

— Um pleonasm.

— E o réu?

— Pobre homem! Quanto terá soffrido!

E agora preso, processado...

— São formalidades.

— Acredita-se que não será condenado.

— Homem, não sei. Eu, se fosse jurado, condenava-o a quatro dias de prisão, por ter esperado quatro annos.

— Perfeitamente.

— Tanta mulher n'este Rio de Janeiro...

— E sem compromissos.

— Querem o fructo prohibido. Ahi está o resultado...

— E' o diabo.

Notava-se, porém, que, como depois das tempestades, a atmosphera estava limpa e oxygenada.

Será a polvora um desinfectante?

Provavelmente, ha casos em que ella actúa, moralmente, como tal.

\* \*

D'ahi por diante, a rua do Ouvidor borboleteia.

Nenhum assumpto digno de menção e por outro lado avisinhavam-se os dominios,

do sympathico *Souvenir* e Deus nos livre de metter a foice em seára alheia.

Além de uma concurrencia desleal, seria procurar, pela certa, uma derrota.

Quem pôde competir com essas narrações technicas, cuja variedade de expressões, por vezes, nos trazem á memoria a torre de Babel?

Nada! Fiquemos por aqui.

E, tanto mais, que agora reparo, que a minha chronica é isto, que a minha chronica está prompta, e que não desejo vel-a inedita — por falta de espaço.

Desculpem não ser mais extenso...

Como as creanças, tenho esta bella justificativa:

— Não foi por querer.

THOMÉ JUNIOR.

### RISONHA

(CATULLE MENDES)

No pequeno cemiterio, em redor á egreja, fresco, bonito, florido de rosas brancas e doirado pelos raios solares, vi uma joven, niniamente joven — dezeseis primaveras apenas — extatica, contemplativa, em face a um tumulo... e a rir-se.

E' impossivel phantasiar-se typo mais gentil, mais gracioso que essa menina, franzina, delicada, olhos ingenuos, cabellos loiros annelados e boquinha breve como roseo botão mimoso.

Displicente no entanto, foi a impressão que recebi ao vel-a risonha, sorridente, externando jubilo incompativel com a reverencia obrigatoria ao remanso dos mortos, de modo que, ao approximar-me á interessante virgem, sem tentar dissimular-a, disse:

— A menina faz mal em rir assim. Não conheceu, de certo, aquelle cujos restos reposam sob a lapide!

— Como! Não o conheci! Mas se era o meu noivo, o meu unico amigo, a encarnação de minha felicidade, de minhas esperanças, se pensei morrer quando elle morreu!

— E como ri então?

— Ah! E' que jamais me esqueço, sua unica alegria, quando vivo, era ver-me risonha, prazenteira, e estou certa, certissima, que se carpisce sobre seu jazigo causar-lhe-hia magoa acerba!

(Trad. H. de Assiz.)

### A MAÇÃ

(DE EHRARD)

Da maçã, digo, não gosto,  
Mas desconheço a rasão.  
Em summa, excellente fructo  
Que assaz procurado é;  
Terão razão, mas bofê,  
Da maçã não gosto, não.

Meu tio, (aliás bom homem,)  
Cultiva-as no seu quintal  
Mas... oh! que tio seguro!  
A elles não deito a mão,  
Deixo-lh'as todas, e juro:  
Da maçã não gosto, não.

Se dermos credito á Biblia,  
Um desses fructos do mal  
Causou a queda de Adão.  
Fosse eu no Eden, ver-se-hia  
Qu'inda lá hoje estaria...  
— Da maçã não gosto, não.

Alguem, cujo nome calo,  
Sujeito um tanto maduro  
Diz-me: — A tua opinião  
Ha de mudar no futuro.  
— Pensas?... pois confirmo, ainda:  
Da maçã não gosto, não.

— Se conhecesseis um pouco  
Deste mundo a teimosia,  
Que a murros firma a questão!  
— Provaste o fructo algum dia?  
— Nunca! repliquei irado,  
Da maçã não gosto, não.

Com tudo exigiu que eu desse  
Certa fidalga — uma tarde —  
Minha franca opinião:  
Qual dos fructos que conhece  
Prefere? Eu disse, enleiado:  
— Da maçã não gosto, não.

— Oh! não gostais! vós!... Por certo,  
Nem posso prestar-vos fé.  
E da activa castellã  
As roseas faces, ao perto,  
Miro... Desde então, bofê!  
Gosto muito da maçã.

EZEQUIEL FREIRE.

### Nuvens desfeitas...

Vae-se desfazendo, como um fumo de palha, a insurreição odienta, que o throno teve como capacho, enquanto pactuava com a exploração do escravo, e que, agora, no momento em que é promulgada a liberdade, a igualdade e a fraternidade de todos os brazileiros, por odio á sancção da lei de 13 de Maio — declara-se republicana.

Isto, contado em qualquer parte do mundo, passaria por uma calunia á especie humana, tal é o grau de inepcia e de má fé que resalta d'esses pronunciamentos!

Mas, é a verdade. No Brazil, são os senhores de escravos, que querem fundar a republica, por odio á monarchia libertadora! E o que mais admira é que alguns bachareis vadios, á cata de subsidio, suponham digno explorar esse movimento, e vivam na illusão de que elle os ha de levar ás cadeiras de deputados.

Essa agitação, porém, é toda superficial, em zonas escravagistas e não chegará a nada.

Ha pouco tempo, na Leopoldina realizou-se uma eleição, e todos os manifestos publicados, não conseguirem a victoria do candidato republicano, que reuniu 400 votos, ao passo que os representantes dos outros partidos reuniram 854 — mais do dobro.

E foi a Leopoldina, que deu o primeiro passo n'este caminho e com tal furor, que parecia que vinha tudo abaixo!

Na Parahyba do Sul, tambem o candidato dos novos republicanos, não conseguiu ser eleito.

No 12º districto do Rio de Janeiro... nem é bom fallar n'isso.

Bôas lições!

Oxalá que certos chefes do movimento as aproveitem, e, recolhendo-se aos bastidores, poupem-nos ás suas caceteações politicas, sem talento e sem ideal.

Por onde andavam, quando se tratava da abolição?

Agora é tarde! Outra vida!  
Estamos fartos de rhetorica!

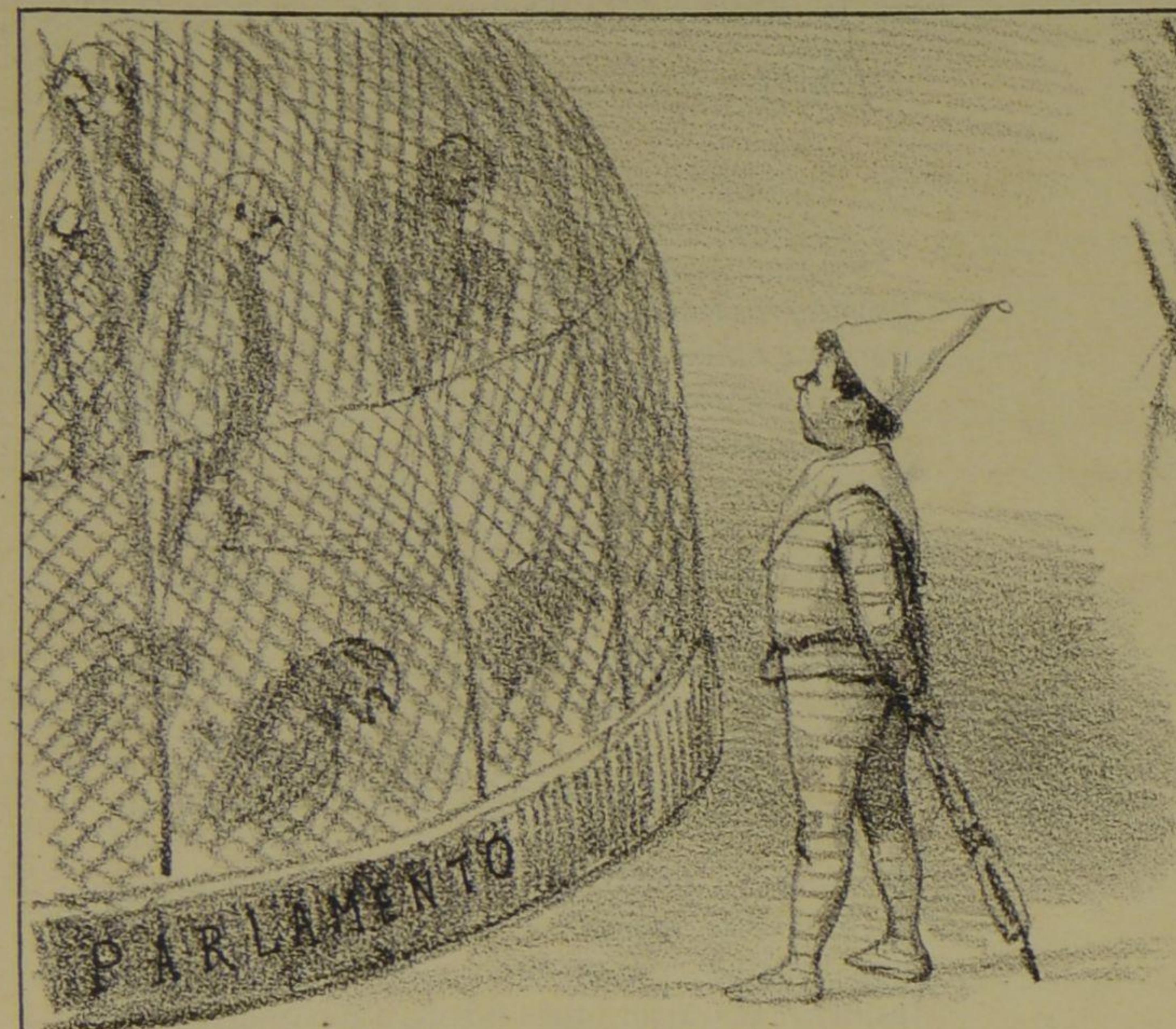
«Gazeta de Notícias»

Quinta-feira, ultima, entrou este nosso collega no seu 14º anno de vida.

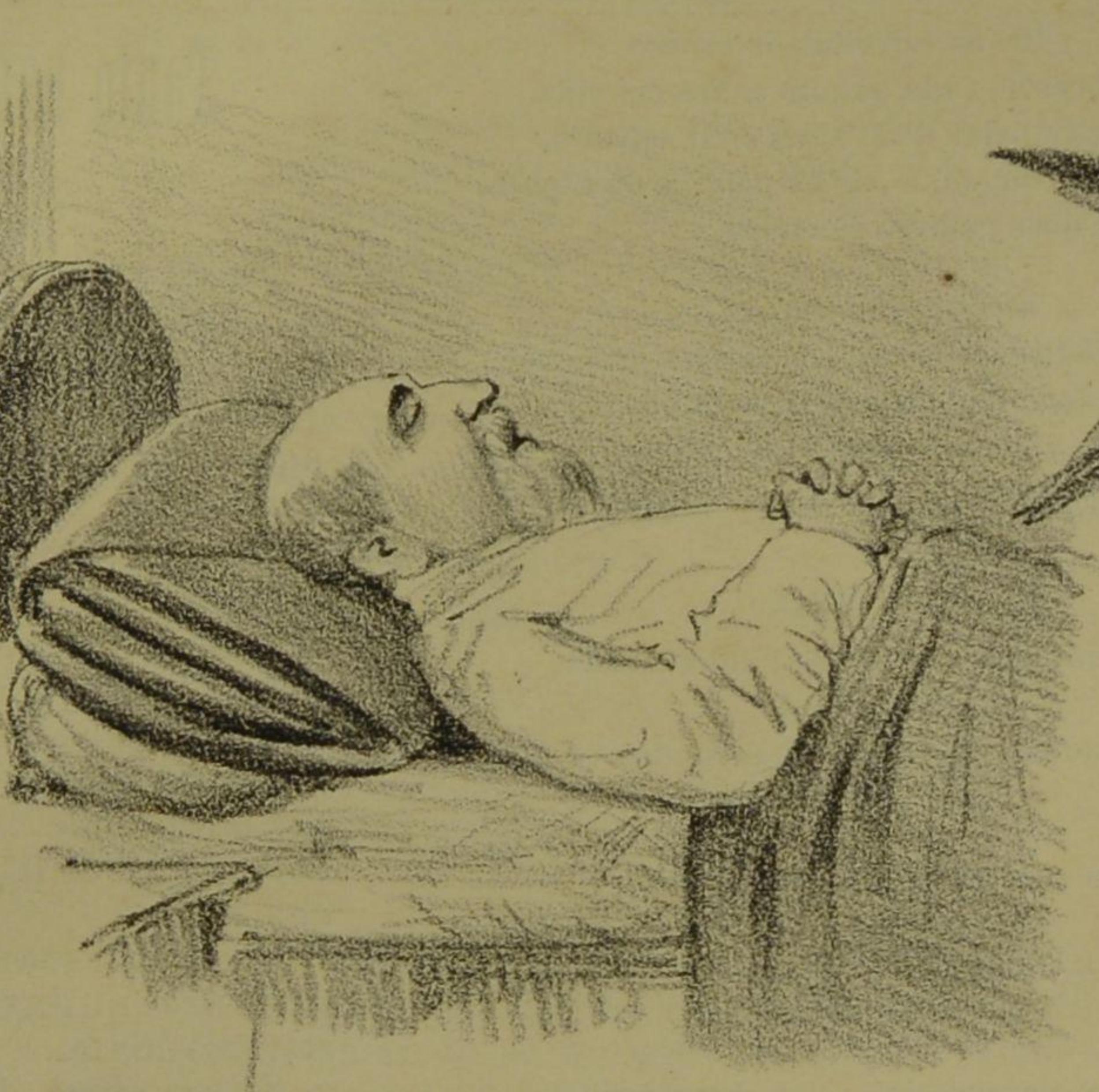
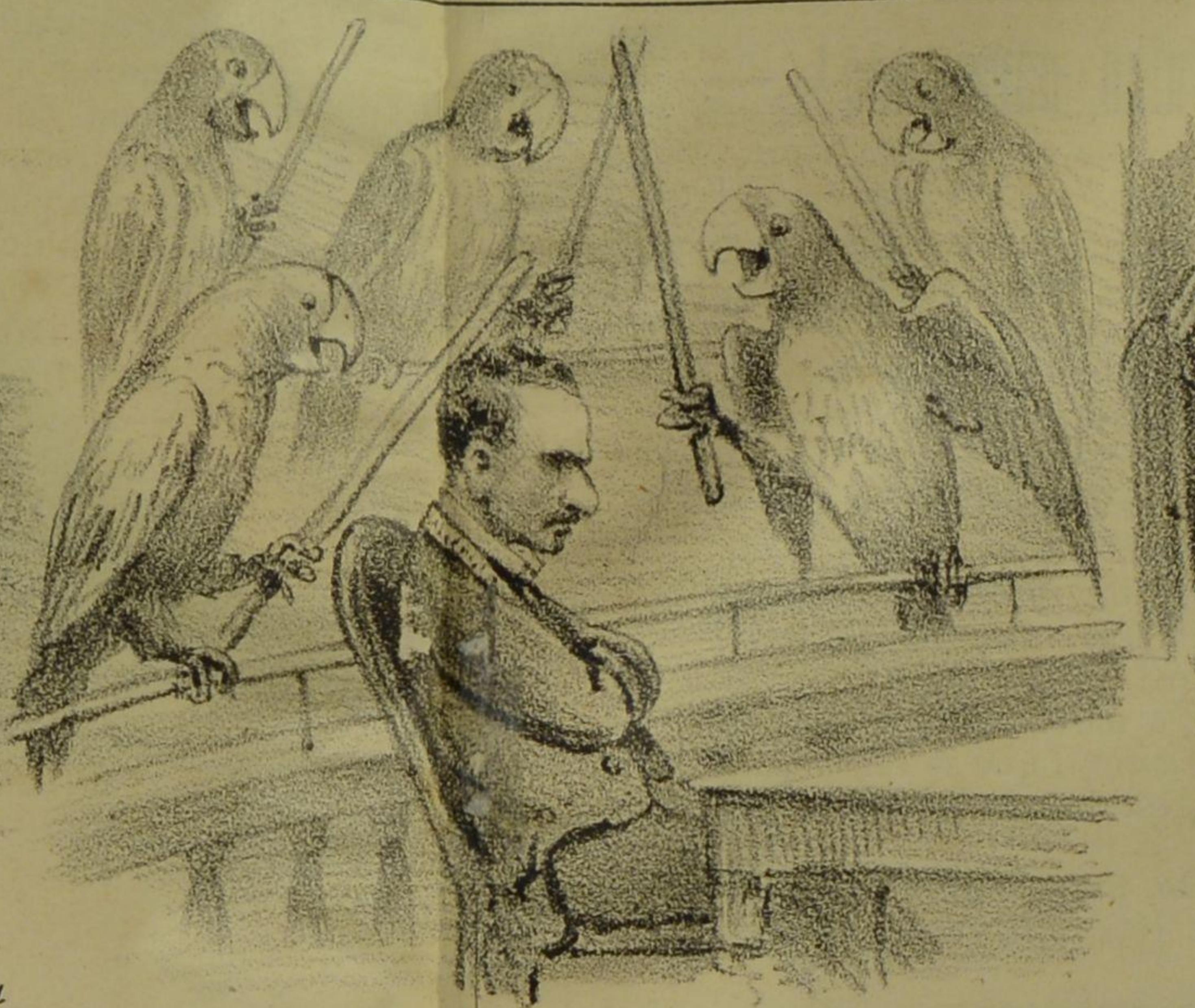
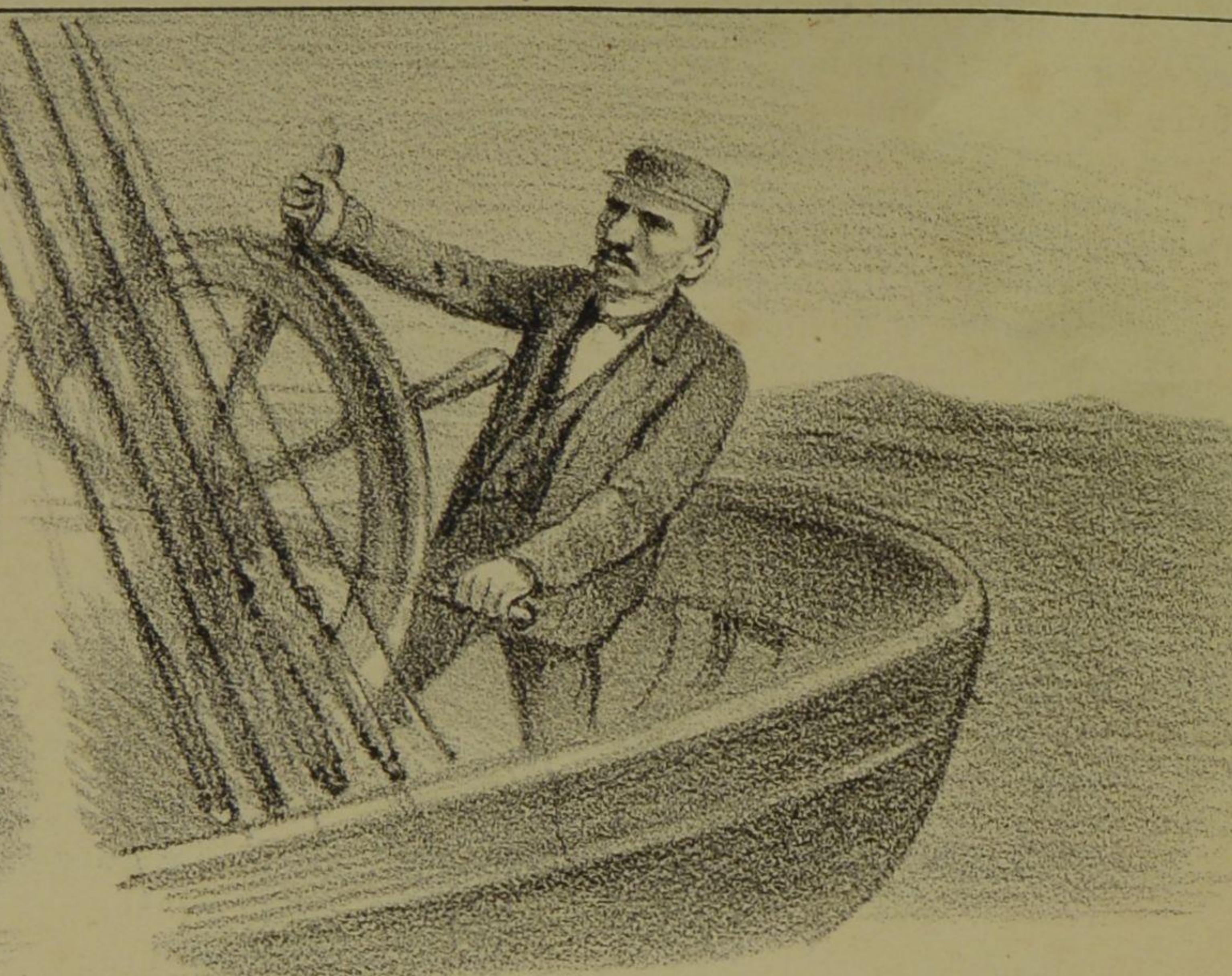
Communicando o facto aos seus leitores, a redacção fel-o com tal despretensão e modestia, que até chamou a attenção para o numero 13, o do anno concluido, declarando ser, esse, um numero fatidico.

Ora, nós que pensamos, como um ilustre collega tambem, que depois do dia 13 de Maio, já não ha mais caracter agoitento para este numero, estivemos, por um triz, a reclamar.

O sistema parlamentar. Parola, parola e mais... parola!



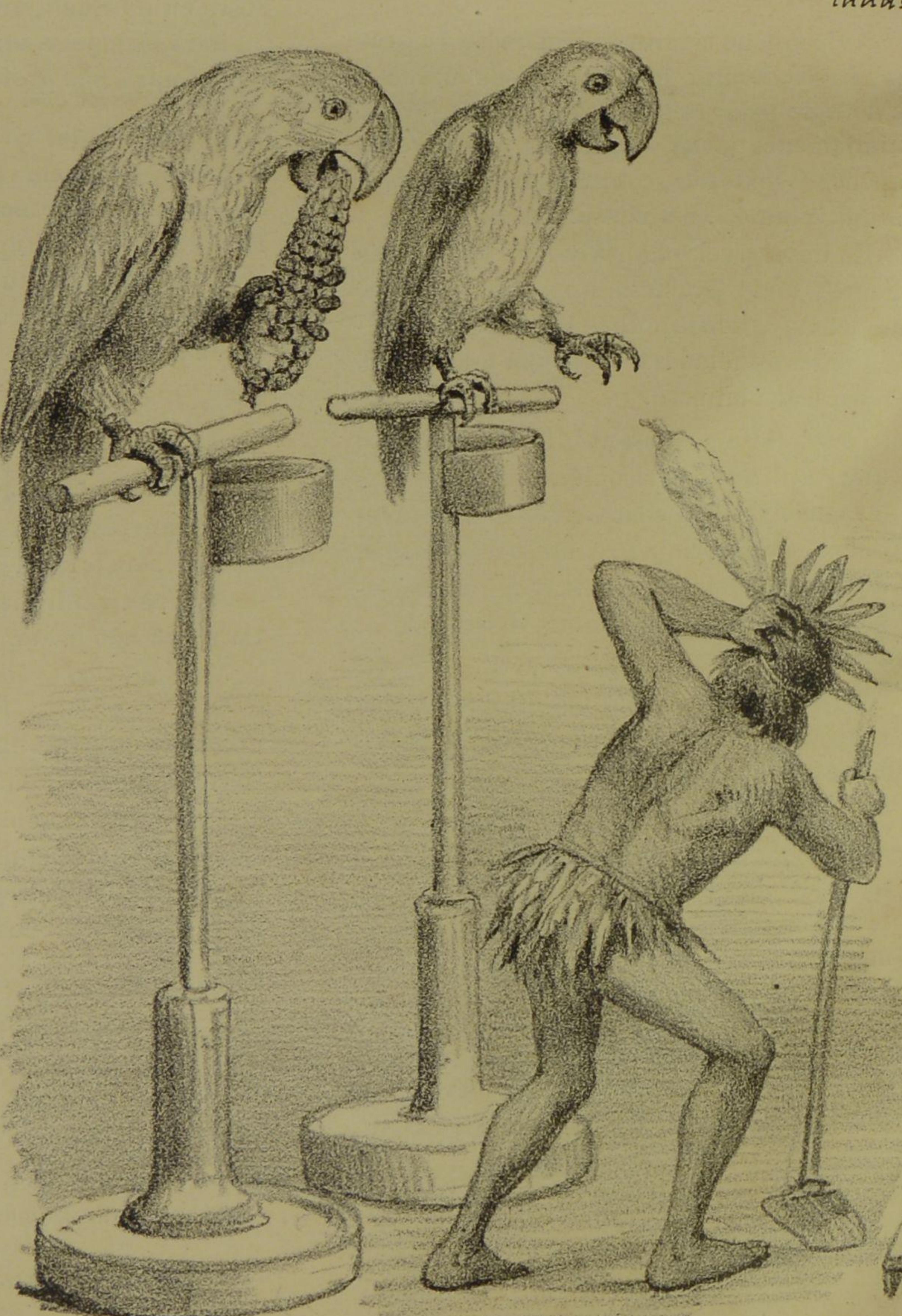
A "Revista" continua no gozo da mais perfeita saude e almejando o dia em que se solte toda essa barulhenta passarada.



Quando o governo, mais do que nunca, precisa de estar no leme, para dirigir a pesada nau do Estado, o sistema que infelizmente nos rege, obriga-o a vir sentar-se naquelle grande viveiro, que se chama parlamento, para perder o seu tempo a ouvir um berreiro aboradou; e aguentar tremendas cacetadas com uma resignação evangélica.

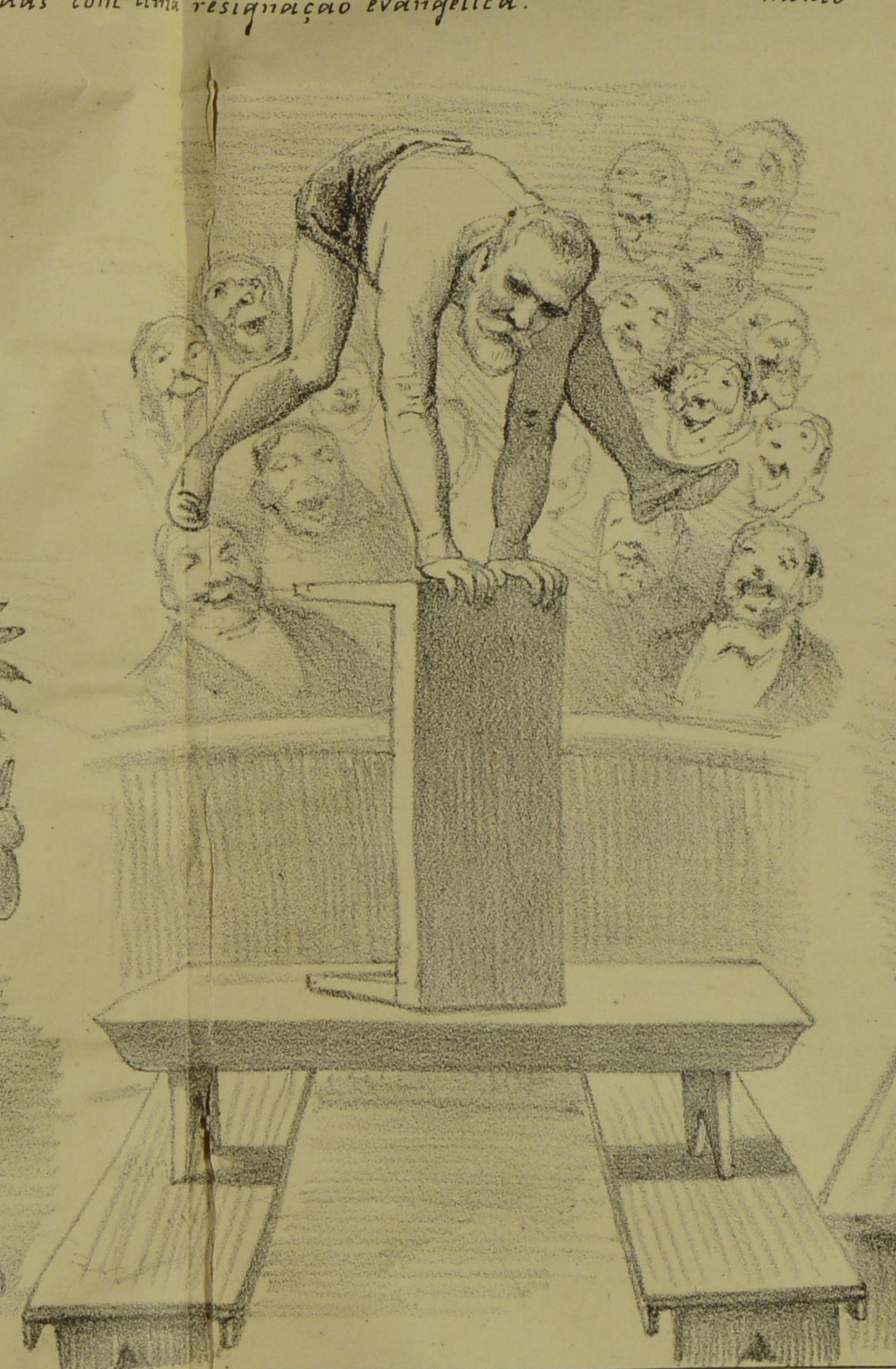
É tal o temor que o Sr. ministro do império tem dos taes papagaiois, que S.Ex<sup>a</sup> faz de sua presta um travesseiro, disposto a dormir sobre os negócios publicos até fechar-se o parlamento.

- Nada! disse S.Ex<sup>a</sup>, os bichos cahem-me encima e desgraçam-me!...

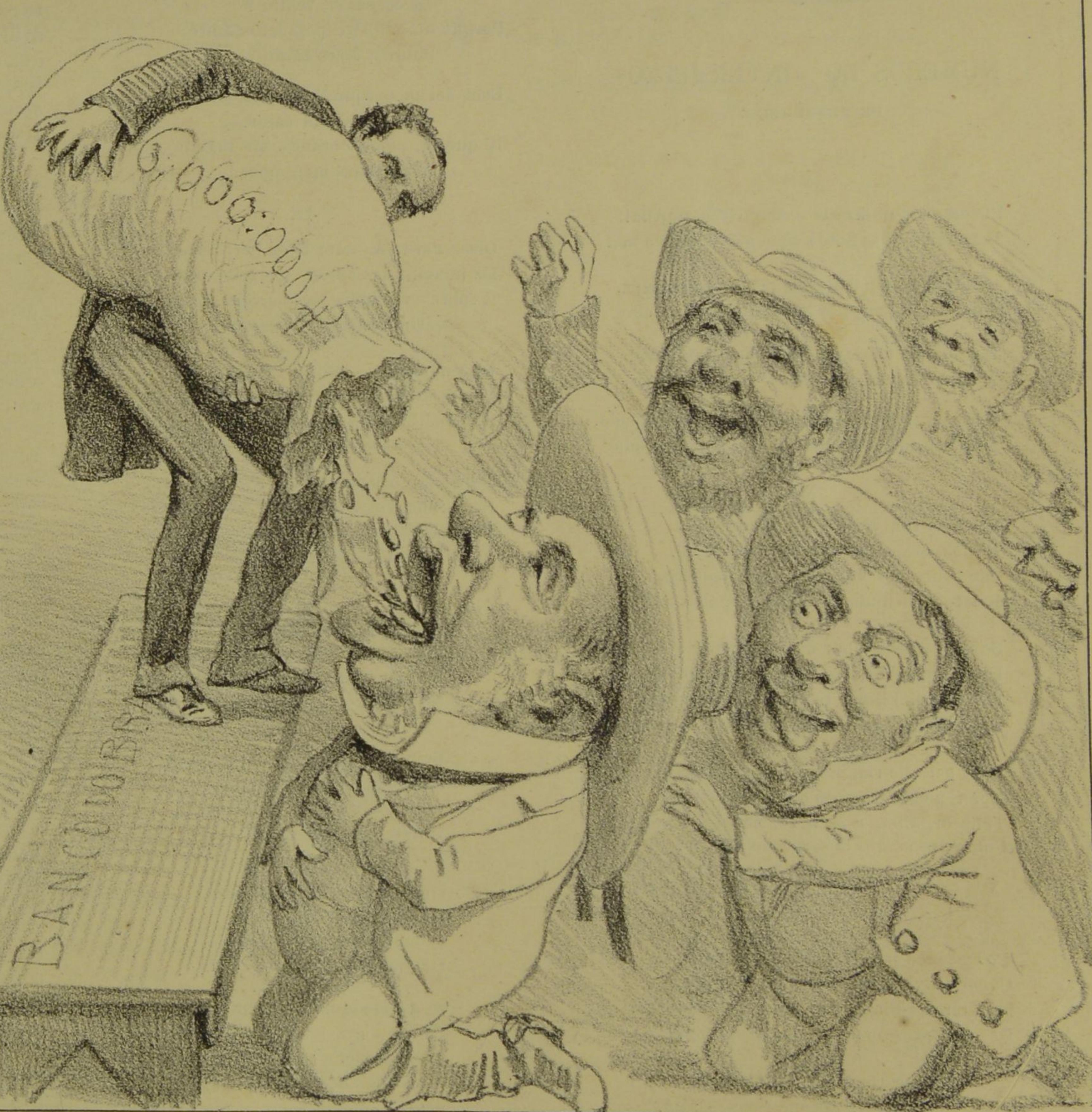


E o paix a trabalhar e a produzir milho...

para cada passaro d'estes lamber-se diariamente, com uma espiga de 50 bagos e... atrair-lhe com o bagaço.



Na camara, transformada em circo de cavallinhos, (phrase do Sr. Andrade Figueira) este illustre parlamentar deu sorte na questão dos bancos, mostrando-se mais acrobata do que financeiro.



Gracas à boa vontade do governo a lavora rai meter-se em alguns milhares de contos a juro barato e prazo longo. Ah! felizardos!

O collega está nos seus 14 annos. Nós é que estamos em pleno 13, mas declaramos que não ha numero melhor para empresas jornalistas. A difficultade é chegar lá...

Assim, commemorando a *Gazeta de Notícias* o seu 13º anniversario, alguns amigos do Dr. Ferreira de Araujo, ofereceram-lhe um jantar no Club Beethoveu.

O Dr. Ferreira de Araujo é, como o definiu, n'uma phrase, José do Patrocínio : uma aguia mansa.

Trata-se com elle, algumas horas e ficasse amigo, para toda a vida.

E a festa do Club Beethoven, foi a homenagem devida a esse bello talento, que abriu em nosso paiz o caminho á imprensa popular.

Associando-nos ás manifestações a que este sympathico anniversario dá lugar, d'aqui enviamos ao Dr. Ferreira de Araujo as nossas mais cordiaes felicitações.

#### NUMEROS DO «INTERMEZZO»

DE HENRI HEINE

##### V

Puzeram-te na fronte o aereo veu nupcial,  
Bem sei que te perdi, mas não te quero mal.

Brilham do teu collar as pedras luminosas,  
Mas, no teu coração que noites luctuosas.

Em sonhos eu descii, oh misera mulher,  
A's sombras da tu'alma, e vi-te o padecer...

Bem sei que te perdi, oh minha doce amada,  
Mas não te quero mal, és muito desgraçada.

##### VI

Sei-o ; a tua vida é sem ventura,  
E' nos commun esta funerea sorte.  
Cae sobre nós a mesma noite escura,  
E isto não finda sem que chegue a morte.

Se vejo n'esse olhar um rir travesso  
E em teu labio a insolencia costumada,  
E o orgulho inflar teu coração... padeço,  
E murmuro : — E's, como eu, tão desgraçada !

Bem sei que ris, mas o teu labio treme :  
Nos teus olhos azues o pranto brilha :  
Tens orgulho, e essa voz suspira e geme...  
Como nós somos desgraçados, filha !

##### VII

Se as flores do balsedo  
Podessem ver meu peito alanceado,  
Como allivio ao meu aspero degrédo,  
Mandar-me-hiam, das moitas do balsedo,  
De seus prantos o balsamo sagrado.

Se os rouxinóes da floresta  
Soubessem quanta dói me rasga o seio,  
Para espancar a minha noite mésta  
Mandar-me-hiam, das sombras da floresta,  
O seu mais terno e encantador gorgoio.

Se as estrellas do espaço  
Soubesssem tudo quanto soffro em vida,  
Para embalar d'est'alma o vil cansaço,  
Mandar-me-hiam, dos concavos do espaço,  
Uma doce palavra condoida.

E essa, que sabe tudo,  
O inferno e o horror da minha mocidade,  
E' a dona das tranças de velludo  
E das unhas rosadas... Sabe tudo  
E apunhala-mé a vida, sem piedade !

##### VIII

Não me sabes dizer, oh minha amada,  
O motivo, a razão,  
Porque pendem a face desmaiada  
As rozas para o chão ?

Não me sabes dizer porque no meio  
Do vasto prado em flôr,  
Das violetas cae no rôxo seio  
Um véu de lucto e dói ?

Diz-me porque oíço a voz das cotovias.  
Hoje, lugubré assim ?  
E porqué exalam mortes e agonias  
As urnas dos jasmins ?

Porque motivo o sol, tão claro e puro,  
De crepes se vestiu ?  
Porque um sinistro pezadelo escuro  
Sobre a terra cahiu ?

Bem sei eu porque vejo tudo triste,  
Sem luz e sem calor...  
E' que tu, pomba branca, me fugiste  
"Mea amor, meu amor !

##### IX

Disseram-te de mim feios horrores,  
De imaginarias culpas me crivaram,  
E sobre as minhas lastimaveis dores  
Um negro fél lançaram !

Distenderam os labios, sacudindo  
Com grave e serio gesto a fonte, e ao cabo...  
(E acreditaste-os tu, meu anjo lindo !)  
Chamaram-me... o diabo !

O que ha de mais escuro e de mais feio  
Na minha vida, ignoram-n'o os sandeus,  
Tão occulto, este amor vive em meu seio,  
Oh luz dos olhos meus !

##### X

N'aquella manhã ditosa  
O sol mandava-nos beijos :  
Do rouxinol os solfejos  
Suspiravam na amplidão.

Se me lembro, ai ! se me lembro  
D'esse amplexo demorado,  
Com que tu, meu lyrio amado,  
Uniste-me ao coração !

Grasnava o corvo agoirento,  
As secas folhas cahiam,  
E uns tristes raios desciam  
Da plumbea curva dos céus.

Se me lembro, ai ! se me lembro  
Da fria e grave medida,  
Que, n'aquella tarde escura,  
Fizeste, ao dizer-me — adeus !

GONÇALVES CRESPO.

## Tanto barulho, para nada !

Se eu fosse jornalista politico aproveitava, agora, a occasião, para dar uma boa sóva no parlamentarismo.

Não seria novo, bem o sei, pois que, já aqui ha alguns mezes, o nosso collega do *Paiz* o fez.

Agora, porém, o successo seria outro.

N'aquelle tempo, tratava-se de votar uma lei, que a opinião reclamava, e as camaras, tratando d'isso, estavam perfeitamente no seu papel.

Agora, porém, o movimento parlamentar é um *hors d'œuvre*, que só serve para embaracar a digestão, no organismo nacional.

Da actual sessão, pode-se dizer, que, nos primeiros quinze dias, ella esgotou todo o seu mandato.

N'esse curto lapso de tempo, por uma d'essas felicidades, semelhantes á de quem tira a sorte grande, ella fez mais, pela sua gloria e pela do paiz, do que outras, nos quatro annos completos da legislatura.

E assistimos, então, ao seguinte contraste : o parlamento, para fazer a coisa mais difícil que se pôde imaginar, levou apenas dez dias; para votar uns simples orçamentos, facto que ás vezes se realisa de uma assentada, por meio de qualquer prorrogativa, elle consome, perto de quatro mezes.

Ali, o sistema parlamentar, apparece-nos como uma das creações mais bellas do espírito humano. Os representantes do povo, identificando-se com as aspirações nacionaes, congregam-se, fallam o indispensavel para esclarecer o assumpto e... prompto.

Aqui, com questiúnculas de ca-ca-ra-cá, consomein-se dias e dias de sessão, sem proveito algum, e até com prejuizo de todos os interesses nacionaes.

E, só depois de 13 de Maio, como uma revindicta postuma, é que a Camara e o Senado começam a dar serio trabalho ao governo, sem que nada de importante esteja em discussão.

O que havia de serio e patriotico a fazer, fez-se, sem esforço.

Agora, que se quer tranquillidade, estudo, observação do estado do paiz, remedio prompto aos desequilibrios que porventura se deem, na vida social, anda o governo esbaforido, atarefado, a responder a interpelações tolas e n'um trabalho afanoso para contraminar as tramas dos negreiros descontentes.

Sem duvida, a Camara tem por dever discutir os orçamentos. Mas, em vez de vinte ou trinta discursos, de uma vulgaridade chata, em cada um d'elles, todos se contentariam com dois ou tres pequenos trechos dos representantes de Vassouras ou de Maracatú, deixando ao governo algum tempo, para cuidar das provincias.

Mas, qual ! Depois de esgotado o assumpto, é que a Camara se mostra dedicada ao trabalho, insaciavel de rhetorica, verdadeiro D. Quixote, atirando-se, de lança em riste, contra todos os moinhos inoffensivos, que lhe caem sob a vista.

E' incalculavel a quantidade de discursos vazios, banaes, obstrucionistas,

que têm sido proferidos, não para esclarecerem qualquer assumpto — pois não ha nemhum em discussão —, mas para dirigirem picoinhas e darem alfinetadas no governo que teve o desassombro de propôr a lei de 13 de Maio.

E como é do regimen parlamentar, que os ministros respondam a essas observações, andam esses sete infelizes, da Camara para o Senado, n'um movimento, u'uma preocupação, que em verdade não os deixa tratar de outras cousas.

E não é só ouvir esses discursos da oposição, tão réles no fundo como na forma, é lê-los, no *Diario Official*, sem adormecer, tomar notas, pedir informações ás secretarias e consummir n'isso um tempo precioso, que podia ser applicado, com enorme proveito, em estudar questões urgentes e vêr o meio de resolvê-las.

Ministros, secretarias e repartições publicas, andam n'uma polvorosa com as exigencias do parlamento. Póde-se dizer que não têm tempo de cuidar de mais nada.

E, entretanto, vê-se na Camara e no Senado, que as galerias estão desertas, que povo não acha o menor interesse n'essas pugnas de partido, das quaes um só beneficio não tem vindo ao paiz.

Convença-se a Camara de que este anno já fez o que podia fazer e deixe-se de dar ares de actividade.

Que bella occasião, para tratar do parlamentarismo, agora, que elle está em flagrante delicto de obstrucionismo!

Eu, se não emburrasse com a politica, havia de dizer o diabo de tal sistema e de taes homens, que estão commettendo um crime de lesa-patria desviando o governo dos assumptos serios e até fazendo adoecer os ministros por excesso de trabalho — não havendo nada de momentoso, em questão.

Essa rhetorica dos oposicionistas, ainda pôde talvez fazer alguma figura lá pelas provincias. Mas, aqui, na Corte, está sendo um assumpto de mofa, ou antes, de compaixão.

Basta de tempestadas, n'um copo de agua.

Deixem-nos socegar um pouco !

S. MARCIAL.

## Recebemos

Os Srs. Fernandes Passos & Siqueira, estabelecidos á rua 1º de Março n. 85, com deposito de fumos e fabrica de cigarros, obsequiaram-nos com diversas amostras dos productos manipulados em seu estabelecimento e que se recommendam por um excellente aspecto e qualidade superior.

Os Srs. Fernandes Passos & Siqueira, remetteram-nos oito qualidades diferentes de cigarros, todos elles preparados com os excellentes fumos Pomba, Rio Novo, Daniel, Barbacena, Goyano, Turco etc.

Os cigarros são muito bem preparados e podem ser considerados o que ha de melhor no mercado.

Dois specimens, porém, chamaram, mais particularmente, a nossa attenção, sendo elles os cigarros *Universo* e *Rosa Junior*. Recommendam os aos apreciadores.

Tambem a *Casa Godinho*, muito conhecida pelo seu bom gosto e baratesa de precos, nos obsequiou com uma caixa de pó de arroz, de aroma inebriante e uma bolsinha de pelluche, delicadissima.

Agradecemos tão delicada lembrança.

TIC.

## UMA AVENTURA

### I

Peguei na pena e escrevi :

« Minha Cocota. — Espera-me, ás 11, debaixo do pé de cajá. Amarra o cachorro, que vou de calça nova.»

### II

E o moleque trouxe-me a resposta : « Venhas : Amarro ei cachorro, com Tres coldas de embira. Espero 100 farta.»

### III

A's 11 horas lá estava eu, debaixo do pé de cajá ! Porque ella se demorava tanto ? Choviscava, choviscava...

.. Afinal — rein ! in ! in ! ...

### IV

Era o portão que se abria.

Lá vinha ella, mais bella que a sua orthographia.

— Cocota !

— Lulú !

### V

E cahimos nos braços um do outro.

De repente, salta de traz da cerca um pavoloroso espectro, tangendo grossa bengala maciça e roncadora.

— Não houve nada, seu commendador !

— Nada, papae !

### VI

E o commendador, grave, meditabundo :

— Pois bem, Sra. Cocota, siga para dentro.

Quanto a vossemecê, Lulú, yenha comigo.

### VII

E agarrou-me pelo cós das calças. Levou-me, e ao passar por um largo tanque :

— Agora, Lulú, ha de tomar um banho...

— Mas...

— Ha de tomar um banho, seu patife !

— Oh !... e as minhas calças novas !

### VIII

— Está bom. Não sou perverso. Tire as calças.

— Oh !

— Vamos... vamos ; tire já as calças. E eu, supplice, ajoelhado :

— Não posso molhar-me. Tomei mercurio.

### IX

— O que diz ? gritou o commendador. Vossemecê toma mercurio e anda pelas casas de familia !

Ti-bum !

### X

E fui na agua como um patinho.

XICO LAT.

## Livro da porta

Do Sr. José de Mello, representante da casa editora de David Corazzi, recebemos os primeiros fasciculos do novo romance, o *Testamento Vermelho*, que aquella empreza está publicando, e que se destina a um bello successo.

O romance tem uma capa dourada, de lindissimo effeito.

Agradecemos.

Recebemos ainda :

*Ensaios sobre as construções navaes indigenas do Brazil*, pelo 1º tenente Antonio Alves Camara.

E' um livro interessantissimo e com o qual prestou o seu auctor valioso serviço á nossa historia naval.

*A China e os chins*, pelo Dr. Henrique C. Lisboa, ex-secretario da missão especial do Brazil á China.

E' uma obra attrahente e a cuja leitura vamos proceder, com viva curiosidade.

*Lellio ou tratado sobre a amisade*, de Cicero, vertido pelo Sr. J. T. Lima Côrtes.

*Bibliotheca Universal*, volumes 7, 8 e 9, tratando o primeiro, do *Fim do mundo*, pela scieucia ; o segundo, traducção de *Candido* de Voltaire e terceiro, um conto de Andersen o *Javali de Bronze*.

*As Farpas*, fasciculos ns. 34 e 35.

*Os Dramas d'Africa*, fasciculos de n. 22 a 30.

*Os antros de Paris*, fasciculos ns. 33 a 35.

*Costumes portuguezes*, fasciculos 3 e 4.

*Thome Joz*

## Aviso

### As Aventuras do Zé Caipóra

2º FASCICULO

Desde o mez passado, que começamos a distribuição do 2º fasciculo desta divertida historia, contendo os seguintes capitulos:

— Zé encontra um cumulo no seu caiporismo, — Consequencias imprevistas de um suicidio ducha. — Zé começa a sentir não se ter suicidado de véras — O negocio complica-se, de véras. — Onde fica provado o rifão do justo que paga pelo peccador. — Em viagem para a roça.

Podem, pois, os nossos assignantes reclamar o fasciculo, em nosso escriptorio.

Para os assignantes o preço é de 1\$000 rs, e para os que, o não forem 2\$000rs



A Rrepublica agricola anda  
triste e cabisbaixa.

Já pelas estradas encontram-se muitos  
barretes republicanos sem dono.

O auxilio do governo à lavoura  
por intermedio do Banco do Brasil,  
o cambio favoravel e o augmento ex-  
traordinario da exportação causa ver-  
dadeiro assombro à nora e agricola  
republica.

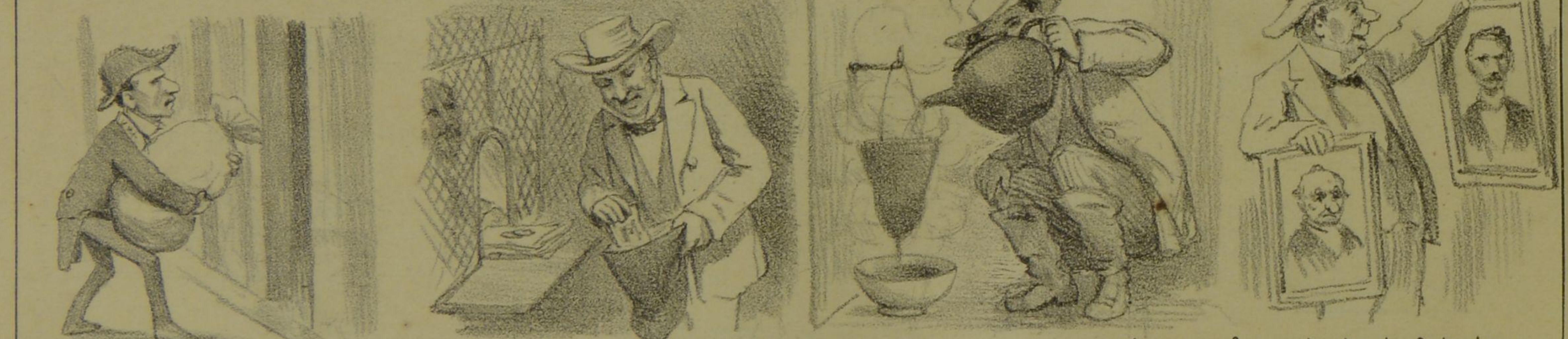


E' sabido qual é o seu verdadeiro culto,  
quer este se chame indemnisação ou  
auxilio.



Brevemente os oradores republicanos  
pregarão no deserto

ou correrão, talvez, o risco  
de levar muita pancada.



Se o governo se lembrar de fazer  
a outros bancos o mesmo que fez ao  
do Brasil, o credito real se tornará  
então uma realidade

e os lavradores repu-  
blicanos transformarão  
o gorro phrygio em sacco  
para receber dinheiro ou...

para coar café.

E o retrato do Cotegipe  
será substituído pelo olo  
João Alfredo.



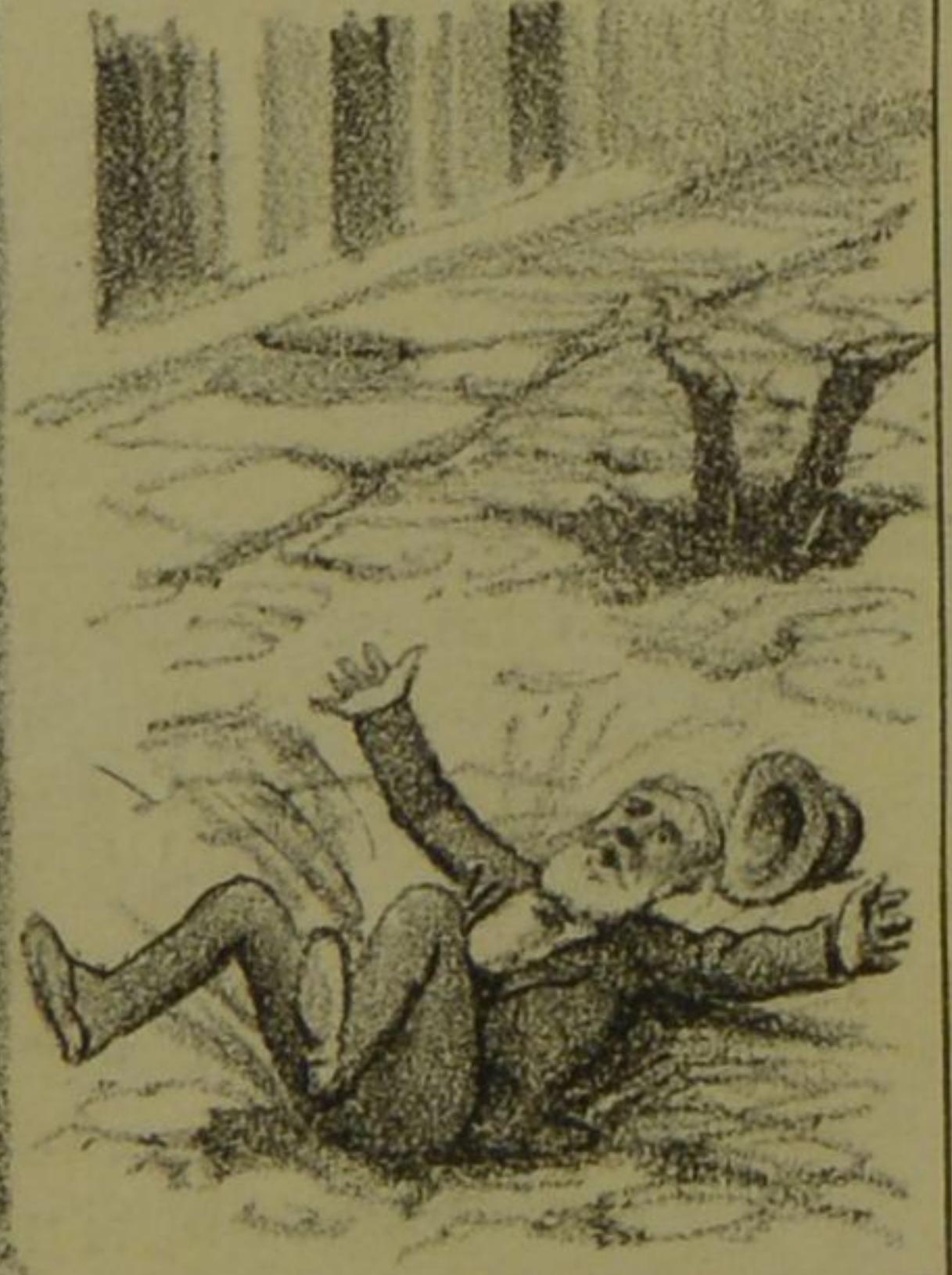
Chegaram do sul os representantes da nossa  
imprensa. Ao verem o aspecto do Rio de Janeiro  
comparado com Buenos Ayres e Montevideo, a  
alma, isto é, as malas cahiram-lhes aos pés!



E liveram impetos  
de voltar. O patriotis-  
mo, porém, fez-os ficar.



O patriotismo ou a von-  
tade de deitarem fogo à  
Camara Municipal.



O caso é que o Peder-  
neiras tem levado muito  
bonbo e o Dermerval desap-  
pareceu n'um buraco!